

DESEJO MIMÉTICO, EXCLUSÃO SOCIAL E CRISTIANISMO

Jung Mo Sung

1. Desejo X necessidade, e redistribuição de renda e riqueza

Quero iniciar este artigo trazendo um problema muito comum no cotidiano daqueles que lutam em prol dos pobres. Diante de tanta pobreza em contraste com a riqueza de uma minoria, que hoje se caracteriza como uma "apartação social", é comum se ouvir o apelo à redistribuição de renda. Principalmente num país como o Brasil que tem a segunda pior distribuição de renda do mundo.

Este apelo se justifica não somente pelo contraste entre a riqueza exuberante de um lado e a gritante pobreza de outro, mas também porque o nível de pobreza e miséria é tão grande e, por isso, tão urgente a solução, que não se pode simplesmente esperar, como pedem muitos economistas, pelo crescimento econômico. Sem falar que crescimento econômico por si não significa necessariamente uma melhor distribuição de renda. Pois, aqueles que estão excluídos do mercado não se beneficiarão do crescimento econômico se este for baseado na lógica do mercado. Além de que a solução também passa pela redistribuição de um bem fundamental em nossa economia, um bem que não pode ser aumentado pela produção humana: a terra.

O discurso da redistribuição de renda e de riqueza, tão comum entre as Igrejas cristãs e outros grupos sociais, pressupõe uma constatação que parece óbvia: existem pessoas que têm demais ou mais do que precisam, enquanto existem muitos que não têm o necessário para viver dignamente. E a solução dessa grave injustiça social passaria também pela redistribuição ou pela "partilha". Mas nem tudo que

parece óbvio para uns o é também para outros. Parece que estamos num desses casos. Basta vermos como é difícil estabelecer diálogo em torno do assunto de uma melhor distribuição e da integração dos excluídos na vida econômica e social.

A distinção entre “ter demais” e “ter de menos” pressupõe um limite que separa os dois lados. Este limite seria, para os defensores da redistribuição de renda e das reformas estruturais na sociedade, o necessário para uma vida digna. O seu pensamento está fundado no conceito de necessidade humana.

O problema é que nas sociedades capitalistas há uma grande confusão entre conceitos de *necessidade* e *desejo*. As teorias econômicas liberais e neoliberais e a produção das empresas privadas estão pensadas em termos de satisfação dos desejos dos consumidores. Só que estes desejos são apresentados também como necessidades, e com isso se estabelece a confusão. A tal ponto que um autor como Jacques Vervier, padre e doutor em economia, que pretende estabelecer um diálogo entre fé cristã e economia, diz que os recursos econômicos são sempre limitados enquanto que “as necessidades se apresentam de forma absolutamente ilimitadas”¹. Na verdade, não são as necessidades que são ilimitadas, mas sim os desejos. Assumindo explicitamente esta confusão, Pe. Vervier, no intuito de evitar ambigüidades, deixa de lado o conceito de necessidade e utiliza somente o de desejo. Com isso, assume a noção, muito presente no pensamento econômico contemporâneo, de um ser humano sem necessidades corpóreas, um ser reduzido somente a desejos.

É significativo que um autor que é ao mesmo tempo padre e economista e que pretende articular fé cristã e economia assuma esta identificação entre desejo e necessidade. Identificação que apaga o conceito de necessidades humanas. O cristianismo, pelo contrário, trabalha com uma noção de ser humano baseada na distinção entre conceitos de necessidade e desejo. Basta vermos o famoso texto de Mt 25, 31-46, onde Jesus coloca a nossa preocupação com as necessidades básicas (comida, bebida, casa, saúde, etc.) do próximo como critério de salvação; ou então o texto de At 4, 32-35 onde o testemunho prático da fé na ressurreição de Jesus consistia em que “não havia *necessitados* entre eles”. O exemplo do texto de Pe. Vervier mostra a grande confusão, a negação da diferença, entre desejo e necessidade na nossa sociedade capitalista.

Quando as necessidades e desejos perdem as suas diferenças específicas, seja por dificuldade de se estabelecer as diferenças, seja por

¹ J. VERVIER, Escassez, felicidade e mercado: ensaio de diálogo fé-economia. *Revista Eclesiástica Brasileira* 51, fasc. 202 (1992) 268.

causa da opção teórica, fica muito difícil dialogar em torno da redistribuição de renda e de riqueza. Vejamos um pequeno exemplo. Uma pessoa que mora numa casa de 250 mil dólares, possui uma casa de praia de 100 mil dólares, um carro importado de 80 mil dólares e o equivalente a 500 mil dólares em aplicações financeiras, tem demais ou tem de menos? Depende do critério utilizado. Se for o de necessidade, ele tem mais do que necessita e, por isso, também algo a partilhar. Mas ele pode contrapor dizendo que ainda falta muito para realizar o seu desejo de morar numa casa de 1 milhão de dólares, ter uma ilha e um carro importado de 400 mil dólares e um jato particular.

Quando se pensa a partir dos desejos não há limites, busca-se o ilimitado. E quando se deseja o ilimitado nunca sobra nada para partilhar; sempre falta. Portanto não se aceita um diálogo sobre a redistribuição de renda e de riquezas.

É fundamental compreender as diferenças entre a necessidade e o desejo, as relações entre ambos e o papel do desejo na economia capitalista para avançarmos na nossa luta por uma sociedade mais justa e humana.

2. Desenvolvimento econômico e desejo mimético

Se é verdade que sem uma redistribuição de renda não poderemos resolver os nossos cruciais problemas sociais, também é verdade que o nosso discurso não pode se situar somente neste nível. A distribuição de renda, ou a sua concentração, é determinada, em grande parte, já no sistema produtivo.

O modelo de desenvolvimento adotado na América Latina no período que vai da Segunda Guerra até a década de 70 foi o de "substituição de importações", marcado pela ideologia do desenvolvimento e por aquilo que Celso Furtado chamou de "mito do desenvolvimento", segundo o qual "o desenvolvimento econômico, tal qual vem sendo praticado pelos países que lideram a revolução industrial, pode ser universalizado"². Mais precisamente, pretendia-se que o padrão de consumo da maioria rica dos países ricos seria acessível às grandes massas de população dos países do terceiro mundo.

Essa idéia, um prolongamento do mito do progresso que norteou a modernidade, gerou em nossos países um tipo de modernização marcada pelas inovações no consumo da elite local sem o correspon-

² C. FURTADO, *O mito do desenvolvimento econômico*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974, 16.

dente desenvolvimento na esfera produtiva. Esse modelo de desenvolvimento “agravou a concentração de riqueza e renda já existente, acentuando-se na fase da industrialização substitutiva”, sendo que “a adoção de padrões de consumo imitados de sociedades de níveis de riqueza muito superiores torna inevitável o dualismo social”³.

Com a crise da dívida externa, no início da década de 80, que gerou a “década perdida” em termos econômicos e sociais, mudou-se o modelo econômico — passamos de desenvolvimento para “ajuste econômico” —, mas foi mantida a modernização, baseada na imitação dos padrões de consumo da elite dos países ricos, e incrementou-se a “adequação” da nossa economia às demandas do mercado internacional. Para Celso Furtado é fundamental que abandonemos as ilusões de “uma modernidade que nos condene a um mimetismo cultural esterilizante” e que escapemos “da obsessão de reproduzir o perfil daqueles que se auto-intitulam desenvolvidos” e “assumir a própria identidade”⁴ para superarmos o dualismo econômico e social que marca o Brasil. Para ele é fundamental criarmos uma nova concepção de desenvolvimento, posto ao alcance de todos e capaz de preservar o equilíbrio ecológico.

Encontramos no centro da análise de Celso Furtado o problema da imitação, da *mimesis* na dinâmica econômica. Assumimos os que se auto-intitulam de desenvolvidos como nosso modelo a ser imitado e nos alienamos da nossa realidade e identidade. Este desejo mimético tem guiado a nossa economia e gerado uma concentração brutal de renda e um dualismo social e econômico. Como resultado, temos não somente uma grande desigualdade social, com exclusão de um setor importante da população dos benefícios econômicos e sociais, mas também uma separação entre dois Brasis que cada vez mais se comunicam menos em termos de processos produtivos por causa da distância tecnológica agravada pela revolução tecnológica em processo no mundo⁵. Este é um dos motivos pelos quais alguns autores têm utilizado o termo “apartação social”.

O problema é que não é fácil superar este desejo mimético de consumo, ou em termos de René Girard, desejo mimético de apropriação⁶. Este tipo de desejo mimético está no centro da própria modernidade

³ C. FURTADO, *Brasil: a construção interrompida.*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, 44. Para uma discussão mais ampliada dos modelos de desenvolvimento adotados na América latina e sua relação com a teologia, vide: J. Mo SUNG, *Deus numa economia sem coração*, São Paulo, Paulinas, 1992 (em espanhol: *Neoliberalismo y pobreza: una economía sin corazón*, San José, DEI, 1993).

⁴ C. FURTADO, *Brasil: a construção interrompida*, 78-79.

⁵ Sobre os modelos de desenvolvimento e a atual revolução tecnológica, vide: J. Mo SUNG, *Deus numa economia sem coração*.

⁶ R. GIRARD, *A violência e o sagrado*, São Paulo, Paz e Terra-UNESP, 1990.

na qual vivemos. A modernidade se caracteriza pelo mito do progresso e a construção de um novo tipo de utopia. A utopia ou esperança escatológica da Idade Média foi secularizada e transformada em utópica abertura do horizonte de expectativa a partir do conceito de progresso⁷. O “paraíso” foi deslocado da transcendência pós-morte para o futuro, mediado pelo progresso tecnológico. Com isso desapareceu a noção de limites para a ação humana.

É esta revolução na concepção da história e das possibilidades humanas que leva, por exemplo, Fukuyama a dizer que “a tecnologia torna possível o acúmulo *ilimitado* de riqueza, e portanto, da satisfação de um conjunto sempre crescente de desejos humanos”⁸. Para quem pensa como ele, a chave para a satisfação de todos os desejos, os atuais e os ainda por vir, está no progresso tecnológico possibilitado pelo sistema de mercado livre. O que poucos têm percebido é que a chave deste progresso tecnológico está no desejo mimético.

Friedrich Hayek, “papa” do neoliberalismo, é um dos que compreenderam isso. Ele diz que uma das características das sociedades modernas é que a maioria das coisas pelas quais os indivíduos se esforçam por conseguir só pode ser obtida com avanços tecnológicos. É a dinâmica do progresso. Os benefícios dos novos conhecimentos só podem ser estendidos gradualmente, “mesmo que a grande maioria tenha desejos pelo objeto que ainda só é acessível a uns poucos”⁹.

É porque a maioria — imitando o desejo de consumo da elite — deseja também consumir as novidades do progresso que este mesmo progresso vai na direção da ampliação da produção destes bens para as massas. Por isso diz que:

“Em princípio, um novo bem ou nova mercadoria, antes de chegar a ser uma *necessidade pública* e formar parte das necessidades da vida, constituem geralmente o capricho de uns poucos escolhidos. Os luxos de hoje são as necessidades de amanhã. Mais ainda: as novas coisas ou novos bens, (...) chegam a constituir o patrimônio da maioria da gente só *porque* durante algum tempo foram luxo da minoria”¹⁰.

⁷ Vide por ex. J. HABERMAS, *Discurso filosófico da modernidade*, Lisboa, D. Quixote, 1990; A. HELLER, *O homem do renascimento*, Lisboa, Presença, 1982; M. HORKHEIMER, *Origens da filosofia burquesa da história*, Lisboa, Presença, s/d; J. MO SUNG, *Teologia e economia: repensando a Teologia da Libertação e utopias*, Petrópolis, Vozes, 1994, cap. 4.

⁸ FUKUYAMA, *O fim da história e o último homem*, Rio de Janeiro, Rocco, 1992, 15. O grifo é nosso.

⁹ F. A. HAYEK, *Los fundamentos de la libertad*, Obras Completas, vol. XVIII, 5ª ed., Madrid, Unión Ed., 1991, 62, (ed. orig. inglês, 1959).

¹⁰ *Ibidem*, 64. O primeiro grifo é nosso.

Aqui ele diz que os “luxos de hoje”, isto é, objetos de desejo, “são as necessidades de amanhã”. Aqui há uma sutil passagem de desejo para necessidade. Voltaremos a isso mais abaixo.

Como conseqüência desta posição, Hayek defende que a produção econômica deve estar voltada para a satisfação dos desejos da elite, pois estes serão as futuras necessidades das massas. E para a massificação da produção destes bens é necessário o progresso.

A necessidade do progresso que gera esta ampliação da produção vem do fato de que “a maior parte das coisas pelas quais nos esforçamos para conseguir, a queremos porque os outros já a têm”¹¹. Sendo assim, o desejo mimético é o propulsor do progresso. “Entretanto, toda sociedade progressiva, enquanto repousa no dito processo de aprendizagem e imitação, somente admite os desejos que este cria como acicate para posterior esforço e não garante ao indivíduo resultados positivos”¹².

O incentivo ao desejo mimético por parte das sociedades capitalistas não é um incentivo abstrato e generalizado. Pelo contrário, a sociedade só aceita desejos que o próprio mercado cria como acicate para entrar na “guerra” do mercado. O mercado é o critério para desejos aceitáveis ou não.

A falta de garantia de resultados positivos, ou mais ainda, a impossibilidade de que todos obtenham resultados positivos, é uma decorrência lógica da estrutura do desejo mimético e da própria dinâmica da economia moderna. A estrutura básica do desejo mimético consiste em que eu desejo um objeto não pelo objeto em si, mas pelo fato de que outro o deseja. Sendo assim, o objeto desejado por ambos é sempre escasso em relação aos sujeitos do desejo. É porque é escasso que é objeto de desejo. Cria-se assim uma rivalidade entre os dois que desejam o mesmo objeto. Esta rivalidade ou conflito tem o nome moderno de concorrência. Concorrência esta que economistas liberais chamam de propulsora do progresso. Rivalidade, concorrência, são conceitos que se opõem à solidariedade, à comunidade. Além disso, na dinâmica da economia capitalista, como sempre há novidades, que são objetos de desejo, a escassez (sempre em relação aos desejos) é um fato básico. Logo, a rivalidade, e a violência daí decorrente, passa a ser endêmica, sempre presente.

Isto significa que sempre haverá pessoas insatisfeitas na dinâmica do desejo mimético. Hayek reconhece isso e afirma que a sociedade capitalista “deprecia os sofrimentos que comportam desejos insatisfei-

¹¹ *Ibidem*, 65.

¹² *Ibidem*, 65.

tos despertados pelo exemplo do outro. Parece cruel, porque incrementa o desejo de todos em proporção ao incremento de dons que tão só a uns beneficiam. Agora, para que uma sociedade continue progredindo, é inevitável que alguns dirijam e sejam seguidos pelo resto"¹³.

Alguns poderiam perguntar: por que se manter nessa dinâmica do progresso-desejo-mimético, se o resultado será inevitavelmente a frustração de muitos? A resposta de Hayek deve ser compreendida dentro do mito do progresso da modernidade. Dentro da ilusão de que o progresso tecnológico nos levará ao "paraíso terrestre". Diz ele:

"As aspirações da grande massa do mundo só podem ser satisfeitas mediante um rápido progresso material. No presente estado de ânimo, a frustração das esperanças das massas conduziria a graves conflitos internacionais e inclusive à guerra. A paz no mundo, e com ela a mesma civilização, depende de um progresso contínuo a um ritmo rápido. Daí que não só somos criaturas do progresso, mas também seus cativos. Ainda que o desejáramos, não poderíamos virar as costas ao caminho e desfrutar ociosamente do que temos conseguido. Nossa tarefa há de ser continuar dirigindo, caminhar à frente pela rota que tantos outros, despertados por nós, tratam de seguir"¹⁴.

Temos aqui um discurso místico, no sentido literal do termo. A elite do capitalismo mundial se tornou o profeta-guia da humanidade em direção à Terra Prometida. É uma tarefa árdua demais, que eles mesmos não gostariam de executar. Mas, como os verdadeiros profetas, se sentem "cativos" desta missão; eles não se sentem com força para dar as costas ao sofrimento do povo e "desfrutar ociosamente" do que já conseguiram. É como se a força misteriosa de Deus estivesse ardendo em seus peitos e os levasse à frente na missão de guiar o resto do mundo com seus exemplos rumo ao progresso, ao "paraíso". É claro que pela própria lógica da concorrência, da "sobrevivência do mais forte", muitos — os fracos — serão excluídos do mercado, sacrificados no caminho. Mas dizem que são os sacrifícios necessários para o progresso.

Celso Furtado propõe que busquemos uma concepção de desenvolvimento sem o mimetismo que gerou o dualismo e crises sociais. Por outro lado, Hayek defende a lógica do desejo mimético como o eixo central e propulsor do progresso econômico. Furtado quer combater o dualismo social, enquanto que para Hayek é uma necessidade lógica da dinâmica do progresso. Furtado busca a satisfação das necessidades básicas de toda a população; Hayek a satisfação dos desejos transformados em necessidades, e portanto tira ou "esquece" da

¹³ *Ibidem*, 65.

¹⁴ *Ibidem*, 72.

pauta as necessidades básicas. Estes dois autores representam duas posturas opostas perante a modernidade burguesa em que vivemos.

Mas, independente destas duas interpretações distintas da realidade, não se pode negar um fato evidente: na América Latina o crescimento econômico do pós-guerra gerou somente um modesto desenvolvimento social. Então, o que explica a manutenção deste modelo de desenvolvimento baseado na mimesis? É claro que há o poder econômico, político e militar das elites para a sua manutenção, mas como explicar a adesão, ou pelo menos a passividade, das massas?

3. Promessa do paraíso e sacrifícios necessários

Quero elencar aqui somente três hipóteses, que podem ser complementares. A primeira está ligada ao próprio dinamismo do crescimento econômico. Na medida em que a economia cresce, o que ocorreu até o início da década de 80, torna-se plausível a promessa de que no futuro, através desse mesmo crescimento econômico, será possível satisfazer as necessidades e os desejos transformados em necessidades das massas. Os mitos do progresso e do desenvolvimento sempre tiveram a seu favor a postergação das promessas para o futuro. Isso faz parte da própria lógica destes mitos. A única condição é que haja sinais visíveis de progresso que garantam a esperança das massas de ver os seus desejos realizados no futuro. No Brasil ficou famosa uma frase do então ministro Delfin Neto que expressa esta lógica: “é preciso esperar o bolo crescer para depois dividir”.

A segunda hipótese, que complementa a primeira, está ligada a uma característica da modernidade em relação aos desejos miméticos. Nas sociedades pré-modernas, os desejos miméticos eram reprimidos ou controlados por causa da violência que eles poderiam propiciar no interior das comunidades humanas¹⁵. Os tabus, os mitos e rituais eram mecanismos institucionais que buscavam proteger a comunidade contra as violências intestinas, que em casos extremos poderiam até provocar a sua própria dissolução. Segundo Girard, “nas sociedades arcaicas, as tramas do interdito e os comportamentos que estes definem, levam a cabo oficialmente a partilha de objetos disponíveis entre os membros da cultura”¹⁶. É claro que, como os bens desejados são escassos, a distribuição não é satisfatória; isto é, ou a distribuição é homogênea e não satisfaz plenamente o desejo de ninguém, ou a distribuição é desigual e satisfaz alguns em detrimento dos demais. Mas, como

¹⁵ Sobre o desejo mimético e a violência, vide: R. GIRARD, op. cit.

¹⁶ R. GIRARD, *El misterio de nuestro mundo*, Salamanca, Sígueme, 1982, 328 (orig. francês: *Des choses cachées depuis la fondation du monde*, 1978).

a legitimação deste processo distributivo se dá por um processo institucional igual para todos da comunidade humana ou de um grupo, a causa da não satisfação não é explicada em termos individuais e verdadeiramente humilhantes. Podemos dizer que a explicação se dava em termos coletivos. Nestas sociedades, pela ausência do mito do progresso infinito, se tem mais claramente a noção de limites, o que as leva a criar, mesmo que inconscientemente, estes mecanismos de controle dos desejos miméticos.

Nas sociedades modernas, com o mito do progresso, os desejos miméticos, ao invés de serem reprimidos, são incentivados. Além disso, como se busca conquistar o "paraíso terrestre" ou o "reino da liberdade", "os modernos sempre imaginam que seu mal-estar e suas desgraças provêm das travas que os tabus religiosos e interditos culturais põem ao desejo, e em nossos dias até mesmo as proteções legais dos sistemas judiciais. Uma vez derrubadas essas barreiras pensam, que se poderá expandir o desejo, que sua maravilhosa inocência dará frutos finalmente"¹⁷. Assim, não há mais interditos culturais, ou melhor, os interditos são ao revés, incentivando o desejo mimético¹⁸. Com isso, a frustração de não poder realizar o seu desejo e cumprir o interdito de realizá-lo — frustração da qual uma parte da sociedade não pode fugir pela própria lógica do desejo mimético — se explica em termos individuais. Assim, o indivíduo "frustrado", no nosso caso de sociedade capitalista, o pobre, internaliza o sentimento de culpa pelo seu fracasso. Ele percebe a sua situação como fruto de sua culpabilidade e não como resultado necessário de um modelo de desenvolvimento adotado. Portanto, não pode se rebelar contra esse mesmo modelo, que ele continua ainda a perceber como o único caminho para realizar, quiçá no futuro, os seus desejos miméticos.

Quando uma parte significativa da sociedade não aceita mais a postergação do cumprimento das promessas, nem a culpabilização individual dos pobres, e propõe uma visão mais "classista" do problema, passando a exigir a participação dos benefícios do progresso ou a satisfação imediata das necessidades e desejos, temos o esgotamento da forma de legitimação capitalista analisada acima. Em casos mais graves, diante da possibilidade de irrupção violenta de uma crise, os setores dominantes da sociedade podem e costumam usar soluções violentas para controlar a situação. Acredito que podemos interpretar as ditaduras militares ocorridas na América Latina, com todo o seu aparato de repressão e de caça aos "comunistas", transformados em "bodes expiatórios", como uma forma moderna do ritual de sacrifício

¹⁷ *Ibidem*, 323.

¹⁸ Na análise da sociedade moderna estou seguindo a posição assumida por R. Girard.

estudado por Girard nas sociedades arcaicas. A sociedade em crise se une em torno e contra a vítima para restabelecer a sua "harmonia" interna. Como dizia Girard, "a função do sacrifício é apaziguar as violências intestinas e impedir a explosão dos conflitos"¹⁹.

Na década de 70 as ilusões do mito do desenvolvimento começam a ruir. Em 1972 foi publicado um estudo encomendado pelo Clube de Roma, *The limits to the Growth*²⁰, que mostrava que, se o ritmo de crescimento econômico e o nível do consumo do Primeiro Mundo se espalhassem pelo mundo afora, teríamos um caos econômico por causa da crise dos recursos não-renováveis e da poluição ambiental. Em 1973, tivemos a crise do petróleo como uma "comprovação" histórica dos alertas daquele estudo. Estes fatos vêm dar ao mundo a consciência de um fato objetivo: não é possível satisfazer todos os desejos miméticos de todos. Em 1982 tivemos o início da crise da dívida externa e da "década perdida" com os ajustes estruturais impostos pelo F. M. I. e Banco Mundial²¹.

Com a consciência dos limites do crescimento econômico e os problemas sociais decorrentes das duras medidas de ajuste econômico imposto em nome das leis de mercado, tornou-se ineficiente o mecanismo controlador baseado somente na promessa e postergação da realização dos desejos. Isto é, fazia-se necessário um mecanismo externo violento para controlar uma possível violência nascida da frustração de um desejo incentivado pelos próprios mecanismos da sociedade. As pessoas não aceitariam mais controlar voluntariamente o seu desejo de satisfazer as suas necessidades básicas e desejos miméticos.

Aparece, assim, com virulência, o que já estava latente ou presente de uma forma tímida: o argumento dos "sacrifícios necessários ao progresso", exigidos pelas leis do mercado²². Se o progresso é fruto da concorrência e da sobrevivência dos mais competentes, na dinâmica do desejo mimético, decorre daqui uma dedução lógica: os sacrifícios dos menos competentes passa a ser uma necessidade da dinâmica própria do progresso. Temos aqui a terceira hipótese.

O problema consiste em que o incentivo do desejo mimético numa situação de estagnação ou baixo crescimento econômico gera uma crise — onde as pessoas não respeitam mais as regras estabelecidas para realizar os seus desejos —, se o mecanismo de autocontrole por conta

¹⁹ R. GIRARD, *A violência e o sagrado*, 27.

²⁰ D. H. MEADOWS, J. RANDERS, W. BEHERENS III, New York, 1972

²¹ Sobre a crise da dívida externa e sua relação com a teologia vide, J. Mo SUNG, *A idolatria do capital e a morte dos pobres*, 2ª ed., São Paulo, Paulinas, 1991 e F. HINKELAMMERT, *La deuda externa de América Latina*, San José, DEI, 1989.

²² M. H. SIMONSEN, *Brasil 2002*, 6ª ed., Rio de Janeiro, APEC, 1976, 28.

da promessa-postergação não funciona. Assim, o argumento dos sacrifícios necessários passa a ter também a função de manter sob controle esta contradição da lógica mimética e evitar uma crise mais grave. Este discurso dos sacrifícios necessários é eficaz também porque as pessoas pobres internalizam o sentimento de culpabilidade, visto acima. Como culpados aceitam ser vítimas dos sacrifícios necessários; o que em contrapartida dá boa consciência para os setores sacrificadores ou beneficiários deste mecanismo sacrificial. Galbraith, analisando a "cultura do contentamento" que existe em nossas sociedades, diz que estes setores percebem seus benefícios como "justo merecimento" e que "se a boa fortuna é merecida ou se é uma recompensa do mérito pessoal, não há justificativa plausível para qualquer ação que possa vir a prejudicá-la ou inibi-la — que venha a reduzir aquilo que é ou poderá ser usufruído"²³. O outro lado da moeda dessa visão é que os pobres são justos merecedores dos sacrifícios impostos a eles. É a teologia da retribuição.

Para captarmos a profundidade desta lógica do sacrifício — necessário para se maximizar o progresso e, por conseguinte, alcançar o paraíso e, ao mesmo tempo, necessário para manter a estabilidade da ordem social — precisamos superar a noção de secularização da sociedade moderna. O próprio René Girard, um grande estudioso da violência e do sagrado, pensa a sociedade moderna em termos de secularização e por isso diz que a sociedade moderna, ao contrário das arcaicas, não se utiliza mais do mecanismo sacrificial para a superação das suas crises. Ele acredita que o sistema judiciário moderno substituiu de uma forma mais eficaz o sistema sacrificial. O problema é que as sociedades capitalistas modernas são incentivadoras dos desejos miméticos, o que levanta o grande desafio de manter a ordem diante da ameaça permanente dos conflitos gerados por desejos miméticos. Antes de prosseguirmos, é importante dizer que, como Girard mostrou em seus estudos sobre as sociedades arcaicas, o sistema sacrificial é eficiente na manutenção da ordem social na medida em que a sociedade sacrificial não tem consciência do seu mecanismo. Sendo assim, podemos dizer que o mecanismo sacrificial que estamos tratando aqui deriva a sua eficiência na manutenção da ordem social baseada no incentivo do desejo mimético exatamente da inconsciência de quase todos em relação a este mecanismo. Inconsciência que chega a nível de as pessoas, em nome da secularização das sociedades modernas, nem admitirem a existência de mecanismos sacrificiais. Um outro ponto importante para a eficácia é a "certeza" da culpabilidade das vítimas, seja por parte dos membros do sistema sacrificial, seja dos próprios sacrificados.

²³ J. K. GALBRAITH, *A cultura do contentamento*, São Paulo, Pioneira, 1992, 12.

Ao defendermos a idéia de que o sistema capitalista utiliza-se dos mecanismos sacrificiais, não estamos querendo dizer que estes mecanismos são iguais aos das sociedades arcaicas. Sem dúvida, há um caráter distinto na violência sacrificial da modernidade²⁴. Com a cristandade foi introduzida no ocidente uma noção radicalmente nova: a noção de um mundo onde não há mais escassez e, por isso, todos os desejos são satisfeitos (paraíso) e, portanto, não se necessita de sacrifícios. Surge assim a noção de “último sacrifício”, o de Jesus, e da sociedade sem sacrifícios. Não podemos esquecer que esta noção se dá na transição das sociedades pré-modernas às modernas. Assim, a noção de sacrifício ainda é ritual-religiosa.

O problema é que, apesar desta doutrina e do estabelecimento do “paraíso” no horizonte do futuro histórico, as sociedades continuam tendo o problema da escassez e, portanto, dos desejos miméticos não satisfeitos. Agora, ao invés de se recorrer ao mecanismo anterior das sociedades arcaicas de reproduzir o ritual sacrificial em torno do “bode expiatório” substituído, ocorre uma reformulação da noção de sacrifício. A postergação da parusia é creditada à existência dos pagãos, que ainda celebram sacrifícios sem aceitar o sacrifício definitivo de Jesus, e, o mais importante, aos pecados dos sacrificadores de Jesus. Assim, se busca a conversão obrigatória de todos os pagãos e se sacrificam os sacrificadores para apressar a chegada do paraíso. Agora se sacrificam não mais para reprimir e controlar os desejos miméticos, mas sim para realizá-los.

Na modernidade, o caminho para o paraíso apareceu como progresso técnico-econômico. O incentivo do desejo mimético exige mais sacrifícios para manter a estabilidade de uma ordem que vive em permanente instabilidade e crise pela própria dinâmica do progresso-desejo-mimético. Agora, o sacrifício dos menos competentes, os que são hoje excluídos da dinâmica econômica, é uma necessidade do progresso. Além disso, o sacrifício daqueles que não se submetem às leis do mercado, tentando obter os bens necessários para viver sem respeitar a propriedade privada ou a relação de compra e venda. Por fim, também é preciso sacrificar aqueles que não aceitam a “sacralidade” do mercado e pretendem intervir nele em nome de metas sociais e da justiça social.

A fome e a morte de milhões de pobres por toda a América Latina e outros países do Terceiro Mundo são os sacrifícios para que não haja

²⁴ O autor que mais me influenciou na elaboração desse pensamento sobre a violência sacrificial da modernidade é Franz Hinkelammert. Vale destacar a sua obra *Sacrifícios humanos y sociedad occidental: Lucifer y la Bestia*, San José, DEI, 1991. Também de H. Assmann e F. Hinkelammert, *Idolatria do mercado*, Petrópolis, Vozes, 1989. Sobre a utopia sacrificial da modernidade vida também: J. Mo SUNG, *Teologia e economia*, cap. IV.

mais necessidade de sacrifícios. As calúnias e perseguições contra os defensores dos direitos humanos e da dignidade dos pobres fazem parte do processo sacrificial.

Não é possível neste artigo mostrar como o discurso econômico capitalista está prenhe de lógica e terminologia religiosa que faz desses sacrifícios verdadeiramente sacrifícios religiosos²⁵. Só queremos citar aqui um único exemplo. Ao falar dos dilemas do Terceiro Mundo, Roberto Campos, ex-ministro e ardoroso defensor do sistema de livre mercado, diz que devemos assumir a modernização capitalista que "pressupõe uma *mística cruel* do desempenho e do culto da eficiência"²⁶, uma mística que nos mantenha longe da tentação de solidariedade com os pobres, com os necessitados.

4. Tabus e dignidade humana

Uma característica importante da solução sacrificial religiosa é a elaboração de tabus que normatizam as ações dos membros da comunidade, proibindo o desejo de objetos que podem gerar a crise mimética. O exemplo clássico de tabu é o incesto.

Esse tabu é um bom exemplo para nos fazer perceber que os tabus também servem para diferenciar os seres humanos dos "monstros". Ainda hoje é comum ouvirmos pessoas se referirem aos indivíduos que rompem com tabus fundamentais, por exemplo o do incesto, como "monstros". O inverso também é válido. Quando a sociedade ou algum grupo quer eliminar sem uma justificativa sensata, indivíduos ou grupos, costuma-se lhes imputar antes o crime de incesto ou algum outro crime "perverso", isto é, os que rompem com os tabus. Quem não obedece aos tabus não é humano, por isso não tem direitos humanos ou dignidade humana.

Como vimos antes, na sociedade moderna capitalista o desejo mimético gerado pelo mercado é incentivado. Isto não quer dizer que não haja mais tabus; eles ainda existem, pois os desejos miméticos permanecem. Só que assumem uma outra forma. Agora nem todos os tabus são proibitivos, "não pode". Muitos são obrigatórios, "você deve". A inversão de tabu mais conhecida é a sexual: do "não pode", passamos para "você deve". No campo da economia, sem dúvida o tabu é "compre", "compre mercadoria de griffe"!

²⁵ A este respeito vide, por ex. J. Mo SUNG, *Deus numa economia sem coração*; H. ASSMANN, *Desafios e falácias*, São Paulo, Paulinas, 1992. F. HINKELAMMERT, *As armas ideológicas da morte*, São Paulo, Paulinas, 1983.

²⁶ R. CAMPOS, *Além do cotidiano*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Record, 1985, 54. O grifo é nosso.

Nizan Guanaes, diretor de criação de uma grande agência de propaganda, escreveu que “Nike não é um tênis, um calçado, é um modelo de vida. Nike é um estilo e uma visão de mundo. Seus anúncios são evangélicos. Não vendem apenas, doutrinam. Não convencem só, convertem”. Nike, para ele, transforma as pessoas, fazem-nas se sentirem como seus ídolos que o usam. “Nike faz o boy do Terceiro Mundo se sentir tão bem quanto se estivesse cheirando cola. Por isso um monte de boys que não podia ter Nike tem Nike. Porque se ele não tiver ele morre”²⁷. É por isso que existem meninos de rua que matam para ter Nike e outros que preferem correr risco de vida que sair na rua sem o seu Nike.

“Compre Nike”, como qualquer outra marca que esteja na moda e que seja objeto de desejo mimético de todos, passou a ser um tabu, uma condição para pertencer à comunidade humana. As pessoas não compram um tênis, mas sim vão em busca de “ser” gente que lhes possibilita serem reconhecidas nas relações com outras pessoas da comunidade que vive sob este tabu. Assim, Nike não é mais um objeto de desejo, passou a ser de necessidade. Chegamos, afinal, ao nó da confusão entre o conceito de necessidade e desejo, e a misteriosa passagem do desejo para necessidade, de que falava Hayek.

Devemos diferenciar as necessidades objetivas para a reprodução da nossa vida corpórea, das necessidades introjetadas pelo tabu e desejo mimético, necessidades por serem condição para a pertença à sociedade ou a algum grupo social. Ninguém morre porque não tem Nike; mas morre de verdade se não come ou não bebe, não importa se deseja ou não deseja comer. O caso extremo de anorexia nos ajuda a ver a diferença entre necessidade real e desejo transformado em necessidade por problemas culturais (tabus) ou psíquicos.

Um outro ponto que devemos reafirmar é o caráter “místico” das mercadorias nas nossas sociedades. É o que Marx chamou de “fetiche da mercadoria”. É por causa do “ser” misterioso e infinito que se busca por “trás”, por exemplo, de um carro importado, um grande objeto de desejo mimético hoje, que as pessoas não aceitam nem compreendem o porquê da redistribuição de renda ou de reformas estruturais profundas. E os pobres que não conseguem comprar e nem superar esta mística do fetiche da mercadoria vivem o sentimento de “ser menos”, de ser inferior, de ser culpado, sem dignidade e, portanto, sem direitos pelos quais lutar.

Contra os “monstros” violentos — os pobres que não compram *griffes* e querem satisfazer as suas necessidades básicas sem obedecer ao tabu da propriedade privada e das leis de mercado — a sociedade,

²⁷ Nike é um estilo e uma visão de mundo, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 02/04/94, 2-4.

isto é, os integrados no mercado que internalizam os tabus, se sentem no direito de lançar mão de todas as formas de violência "legal" ou até ilegal, desde que seja "legítima" segundo o espírito do mercado.

5. Desafios para o cristianismo

Lutar pela vida dos pobres e excluídos das nossas sociedades passa pela urgente redistribuição de renda e de riqueza, pela mudança no sistema produtivo que permita uma melhor distribuição de renda, e pelas profundas reformas na estrutura econômica, social e política. Mas, para isso, é fundamental desmascarar o mecanismo sacrificial do desejo mimético aqui analisado. Sem isso, é muito difícil colocar como prioridade da política econômica a satisfação das necessidades básicas de toda a população. Não quero negar o espaço do desejo, mas somente restabelecer um bom senso na dinâmica social.

Para priorizar algumas metas sociais precisamos ter a diferenciação dos conceitos de necessidade e desejo, e o restabelecimento de uma verdade: a inocência das vítimas. Se o cristianismo ainda tem relevância histórica e pode contribuir na construção de uma sociedade alternativa na América Latina, nós devemos fundamentar a nossa contribuição no núcleo central de nossa fé: a ressurreição de Jesus, que no fundo é a confissão da inocência de uma vítima de um sistema sacrificial. Neste sentido, Hugo Assmann disse que "a novidade essencial da mensagem cristã (...) consiste na afirmação central de que as vítimas são inocentes e que nenhuma desculpa ou pretexto justifica a vitimação deles"²⁸, e que esse elemento central da nossa fé nos impõe uma atitude de solidariedade com todas as vítimas em nosso redor.

A defesa das vítimas dos sacrifícios exigidos pelo sistema de mercado nos possibilita desmascarar o sistema sacrificial e ver a perversidade da lógica e das leis do mercado e a responsabilidade de todos aqueles que se beneficiam do mesmo e o adoram. Pois só uma instituição transcendentalizada (ídolo) poderia pedir tantos sacrifícios humanos em nome de um futuro paraíso e gerar tanta consciência tranqüila aos seus adoradores e defensores.

Estar ao lado das vítimas, ajudando-as a reconstruir a sua dignidade humana negada, nos permite ver — porque nos possibilita ver uma revolução epistemológica — que Deus "não quer sacrifícios, mas misericórdia" (Mt 9, 13); que não nos tornamos mais humanos porque

²⁸ H. ASSMANN, *The strange imputation of violence to liberation Theology, Conference on Religion and Violence*, New York, oct. 12-15/1989: *Terrorism and political Violence*, Vol. 3, nº 4 (Winter 1991), London, Frank Cass, 84-85.

compramos mercadorias que outros também desejam, mas sim no encontro com nossos irmãos; e que o pecado consiste exatamente no cumprimento da Lei (do mercado)²⁹.

Não poderemos transformar profundamente as nossas estruturas econômicas e sociais injustas sem a participação de setores importantes da sociedade, de muitas pessoas. Para isso, precisamos ajudá-los a superar a lógica do desejo mimético do mercado e seu mecanismo sacrificial. Precisamos ajudá-los a descobrirem a inocência das vítimas sacrificadas da nossa economia e a procurarem um modo alternativo de viver as suas vidas e de relacionar-se na sociedade. Assim, juntos iremos construindo um novo projeto de sociedade e de civilização. Acredito que nós cristãos temos um papel importante a cumprir nesse desafio histórico. Afinal, a nossa fé nasce da afirmação da inocência de uma vítima de um sistema e de um deus sacrificiais.

Jung Mo Sung, Teólogo leigo, doutor em Ciências da Religião, professor no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião (IEPG), São Bernardo do Campo - SP e da Faculdade de Teologia N. S^a da Assunção, São Paulo - SP.
Endereço: Rua Geraldo Pimentel Dias, 43 — 03682-010 São Paulo - SP

²⁹ Para a questão fundamental da lei e do pecado em São Paulo, vide: E. TAMEZ, *Contra toda condena*, San José, DEI, 1991.